

1. Introdução

“O professor “não pensa somente com a cabeça”, mas “com a vida”, com o que foi, com o que viveu, com aquilo que acumulou em termos de experiência de vida, em termos de lastro de certezas. Em suma, ele pensa a partir de sua história de vida não somente intelectual, no sentido rigoroso do termo, mas também emocional, afetiva, pessoal e interpessoal.” (Tardif e Raymond, 2000, p. 235)

As pesquisas em educação vêm, há décadas, chamando a atenção para a complexidade do trabalho docente, no que se refere à gestão da classe, à relação professor-aluno, à prática docente, sob diferentes perspectivas. E discutindo, a importância do processo de socialização docente na construção do *habitus*¹ profissional através da incorporação de um conjunto de disposições.

É através do processo de socialização profissional, associado à formação, que é construído o *ethos*² da profissão, através do qual o professor internaliza os valores, as normas, as regras específicas do grupo de referência, adquirindo as habilidades e competências necessárias ao exercício da docência. Nesta perspectiva, a socialização profissional docente se estabelece na intercessão entre o professor, sua formação e o seu meio profissional.

De acordo com Lüdke e Boing:

A socialização profissional, dessa forma, continua no estabelecimento de ensino em que o professor vier a trabalhar. Somente a prática dará consistência ao repertório pedagógico que os professores foram assimilando ao longo de sua formação. Assim, não se pode falar de profissionalização docente sem se referir ao estabelecimento de ensino. Existe uma íntima relação entre o estabelecimento de ensino e a profissionalização docente. (2004, p. 1159)

Tomando-se como premissa que os professores aprendem a sua profissão

¹ *Habitus* consiste em um “sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores [de práticas]”. (Bourdieu, 1983, p. 94)

“(Lat., ‘caráter’, ‘disposição’, ‘hábito’). *S.m. 2 n. Antrop. Sociol.* Conceito com o qual se designa o conjunto de padrões adquiridos de pensamento, comportamento, gosto, etc., considerados como elo entre as estruturas sociais abstratas e a prática ou ação social concreta.” (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed., Curitiba: Positivo, 2004.)

² “(Do grego *ethos*, ‘costume’, ‘uso’, ‘característica’). *3. Sociol. Antrop.* Aquilo que é característico e predominante nas atitudes e sentimentos dos indivíduos de um povo, grupo ou comunidade, e que marca suas realizações ou manifestações culturais.” (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (2004). **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed., Curitiba, PR: Positivo.)

na escola (Canário, 2001), podemos considerar que a escola é por excelência *locus* de socialização profissional, é neste espaço que se constroem os aprendizados práticos, se consolida a experiência profissional, se compartilham saberes. Elegi como espaço privilegiado deste processo socializador a Sala de Professores, considerando a hipótese de que este espaço favorece a aprendizagem entre pares, promove a parceria e o exercício do diálogo.

Segundo Tardif e Raymond (2000), a aprendizagem do ofício se estabelece na familiaridade com o ambiente de trabalho, onde o professor assimila progressivamente os saberes necessários à realização de seu ofício. Esse processo formador, para além dos muros da academia, se desenvolve na assimilação das rotinas e práticas do trabalho, na introjeção das regras e valores da profissão, e no compartilhar desses valores com as demais pessoas que praticam o mesmo ofício.

A ideia de base é que esses “saberes” (esquemas, regras, hábitos, procedimentos, tipos, categorias etc.) não são inatos, mas produzidos pela socialização, isto é, através do processo de imersão dos indivíduos nos diversos mundos socializados (famílias, grupos, amigos, escolas etc.), nos quais eles constroem, em interação com os outros, sua identidade pessoal e social. (Ibid, p. 218)

Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho é investigar como se constrói a socialização profissional docente numa escola privada de rede que atende à *nova classe média*³, com a intenção de analisar a qualidade da relação entre pares, relação entre os docentes na Sala de Professores, e o impacto dessa interação no desenvolvimento profissional docente.

Do ponto de vista do recorte empírico, a investigação foi realizada num colégio do subúrbio carioca, unidade de uma rede privada de ensino que se distribui por diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, denominado nesta investigação de Colégio Nómos⁴. A seleção da escola obedeceu aos seguintes critérios: ser uma escola privada destinada às camadas médias baixas e camadas

³ Segundo Amaury de Souza e Bolívar Lamounier (2010), a ampliação do mercado de trabalho e a elevação de renda do trabalhador brasileiro fez surgir uma “nova classe média”, da qual fazem parte os trabalhadores da antiga Classe C, pertencentes aos setores populares da sociedade. Para Jessé de Souza (2010), essa “classe batalhadora” “parece se definir como uma classe social com relativa pequena incorporação dos capitais impessoais mais importantes da sociedade moderna, capital econômico e capital cultural [...]. Essa nova classe social logrou ascender a novos patamares de consumo a custo de extraordinário esforço e sacrifício pessoal.” (Jornal Le Monde Diplomatique Brasil, Nov. 2010, p. 06-07)

⁴ Nome fictício. “Em grego *Νομος*, é na mitologia grega, o deus das leis, estatutos e normas.” Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 12 out. 2011.

populares – *nova classe média* –; ser uma instituição de prestígio na comunidade; ser um estabelecimento de médio porte que oferecesse infraestrutura básica aos professores, incluindo sala de professores; ser uma instituição cujos proprietários fossem pessoas “físicas” e não associação religiosa; ser integrante de uma rede privada de ensino que se distribuisse por diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, a escolha do campo foi delimitada por tais características e motivada por tratar-se de uma realidade ainda silenciada pela literatura educacional.

O estudo é parte da investigação que vem sendo realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Professor e o Ensino (GEPPE⁵) desde 2008 sobre escolas privadas frequentadas e destinadas às classes populares, denominada “O trabalho docente em escolas privadas para setores populares: um objeto esquecido.”

O interesse do GEPPE por este campo de pesquisa apoiou-se na constatação de que entre as escolas da rede pública e as instituições privadas consideradas de excelência e destinadas às elites, situa-se um conjunto de escolas particulares que, não pertencendo a nenhum desses dois grupos, atende aos setores populares da sociedade⁶, à *nova classe média*. Estas instituições vêm se expandindo por toda a cidade do Rio de Janeiro, estão presentes em cada esquina, em cada rua, em nosso trajeto cotidiano. Por onde passamos, identificamos a proliferação deste tipo de estabelecimento de ensino, alguns deles sem nenhuma regulação por parte do Estado ou dos sindicatos, totalmente à margem, marginalizados, frente às demais escolas privadas.

São escolas que estão localizadas principalmente nas zonas norte e oeste da cidade, em bairros distintos, e oferecem diversos atrativos aos pais, como aulas extras, bolsas de estudos, baixas mensalidades (entre R\$ 100,00 e R\$ 470,00).

Com a democratização do ensino, este tipo de escola se tornou uma alternativa às escolas públicas ou privadas de alto prestígio. Para as famílias menos favorecidas do ponto de vista econômico, tais instituições são consideradas

⁵ Coordenado pela professora Isabel Lelis, PUC-Rio.

⁶ Ler mais sobre o assunto em Lelis, Iório e Mesquita (2011).

de qualidade, frente ao descrédito⁷ da escola pública e impossibilidade de arcar com as altas mensalidades das escolas de elite.

Segundo dados do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região (SINPRO-Rio) são cerca de 2.500⁸ escolas que apresentam este perfil. Este número demonstra que não se trata de estabelecimentos privados que podem permanecer silenciados por exercer pouca relevância quanto à função social e educativa que exercem, principalmente quando o Sindicato dos Professores reconhece que uma parcela de profissionais tem nessas escolas sua única fonte de trabalho e renda. Além disso, cresce na população a certeza de que somente as escolas privadas podem garantir o acesso às universidades públicas deste país. Passa-se a estabelecer uma dicotomia, já deflagrada por muitos pesquisadores, de que somente as classes mais favorecidas têm acesso ao ensino superior gratuito.

Em entrevista, realizada pelo GEPPE, com o Presidente do SINPRO-Rio, Wanderley Quêdo, em novembro de 2010, ele afirmou que existem escolas com perfis diferenciados atendendo a esse tipo de público, setores populares, com “tipologias” diferentes, escolas confessionais, familiares e de rede. As primeiras, são instituições religiosas, geralmente filantrópicas e atreladas a alguma congregação; as segundas, são estabelecimentos privados administrados pelos proprietários da escola, se mantém geralmente oferecendo bolsas de estudos e descontos nas mensalidades; e, as últimas, estão organizadas em rede de ensino, com diversas unidades em diferentes bairros da cidade, têm sua própria gráfica, produzem todo o material didático, adotam a mesma metodologia de ensino em todas as unidades, usam o mesmo nome e estão atreladas a grandes grupos educacionais que oferecem todo tipo de materiais instrucionais, *softwares*, e consultorias educacionais. Esta última é objeto desta investigação.

Como afirma Quêdo:

Nós temos as escolas confessionais, que podem até ser de classe A, B e C [...]. Você vai encontrar escolas no subúrbio que são escolas organizadas, que são organizadas fisicamente, um bom espaço físico, mas que atendem à classe média C, e até algumas com trabalho de filantropia, que atendem também a D. [...] Que têm um padrão de atuação cristã, de relacionamento diferenciado com todo o entorno, né? Mas, que atendem a classes sociais diferenciadas, portanto, também,

⁷ Uma análise mais detalhada sobre o tema é feita por Tiramonti (1997).

⁸ Informação do Presidente do Sinpro-Rio, professor Wanderley Quêdo, durante entrevista ao GEPPE, em novembro de 2010.

têm esse rebatimento, que a gente vê, por exemplo, no currículo oferecido, é diferente, é mais modesto, é mais simples, é mais direto, até mesmo na organização do calendário festivo, é diferente. É mais ligado àquela comunidade, à realidade daquelas categorias sociais. E existem as escolas que são de rede mesmo na educação básica [...]. Vamos dizer assim, [...] ela tem a sua própria gráfica, ela tem o seu próprio parque industrial, tem seu próprio transporte, ela tem a sua *roult*, desde o livro até a apostila, tudo ela faz.[...]. Essa é a proposta dela, e principalmente atende à classe C em todas as regiões, com uma certa estrutura física. Mas, muito sofrível em relação à questão de condições de trabalho do professor, são pisos de salário baixíssimos [...], há uma apostila que ele tem que seguir e se essa apostila não funciona ele é questionado, entendeu? Porque toda a rede tem que estar... porque a prova lá... ele perde a autoria de prova. Ele dá um teste, mas a prova geral, essas vêm lá de cima, então até para controlar o próprio professor, para saber se a turma dele está tendo produtividade igual a dos outros. E vai por aí a fora. Então, você encontra as isoladas, [...] que era uma característica do subúrbio, que são as escolas familiares, as escolas de famílias tradicionais, né?

Os dados apresentados nesta dissertação dizem respeito ao clima escolar deste colégio de rede privada de ensino, especificamente, no que se refere à relação entre pares, relação entre os docentes do primeiro segmento do ensino fundamental (1º ao 5º anos), a partir das observações realizadas na sala de professores e de entrevistas, com o intuito de investigar o processo de socialização e o desenvolvimento profissional dos professores.

Definido o campo da pesquisa, deu-se início às observações na sala dos professores, com o intuito de apreender a realidade investigada, compreender a dinâmica da relação entre pares neste espaço intramuros da escola e sua influência no processo de socialização profissional.

A seleção dos sujeitos da pesquisa, oito professoras do primeiro segmento do ensino fundamental (EF1), atendeu a alguns critérios, como, lecionar no turno da tarde, frequentar a sala de professores, se disponibilizar a participar da pesquisa.

Após dois meses de imersão no campo, foi iniciada a aplicação e análise do questionário, construído pelo GEPPE, que também será aplicado em outras unidades da rede. A aplicação deste instrumento teve a finalidade de traçar um quadro dos docentes que atuam nesta instituição, em termos de formação, perfil socioeconômico e cultural, trajetória profissional, as relações com os pares e a gestão, etc.

Em seguida, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com o objetivo de conhecer mais profundamente o perfil social das professoras, a escolha pela profissão, o ingresso na carreira docente, as relações com os pares e outros atores da comunidade escolar, a percepção sobre os colegas de profissão, e os projetos futuros.

Alguns autores destacam a importância do momento de entrada na profissão e o tipo de escola na qual se começa a trabalhar como elementos determinantes na construção das profissões⁹ docentes (TARDIF, 2002; NÓVOA, 2009) e nos modos de socialização profissional destes agentes (DUBET, 1996, 2002; DUBAR, 1997; JABOIN, 2003; SETTON, 2008; VAN ZANTEN, 2009).

Em relação ao aporte teórico, inicialmente, fiz um levantamento das pesquisas e estudos sobre os temas mais recorrentes sobre o processo de socialização docente e o desenvolvimento profissional dos professores.

Alguns autores serviram de interlocutores dessa pesquisa, dentre os principais destaque, Telmo Caria (2007), com a discussão acerca da cultura escolar, em diferentes espaços de interação, dentre eles a sala dos professores. Caria é o único autor que aborda alguns aspectos sobre esse espaço institucional.

Dubar (1997), Dubet (1996, 2002), Corcuff (2001), Setton (2008), na perspectiva da socialização profissional e profissionalidade docente; Van Zanten (2009), que discute a influência dos estabelecimentos escolares na socialização dos professores; Canário (1996, 2001 e 2006), Nóvoa (1991, 1999 e 2009), Formosinho (2009) com os estudos sobre a escola e a prática docente; Tardif e Raymond (2000), Ludke e Boing (2004), Fanfani (2007), Lessard (2008, 2009), Lelis (2011) nas análises sobre saberes, aprendizagens e formação profissionais, e os desafios do ofício docente na contemporaneidade; Dalila Oliveira e Ada Assunção (2009) que enfatizam a intensificação e precarização do trabalho docente.

⁹ O conceito de profissionalidade, segundo Sarmiento (1994, p.80) diz respeito “ao conjunto de valores e saberes e os respectivos princípios e modos operativos que integram o conjunto dos elementos participantes na definição dos critérios de competência dos professores, os quais são historicamente construídos, dinâmicos, sujeitos a debates de natureza política e ideológica e envolvidos em determinações que não são totalmente endógenas ao grupo profissional, mas dependem do estado, dos sistemas periciais das instâncias de formação de professores.” Na perspectiva de Dubar (1997), as *profissionalidades* estão relacionadas aos saberes práticos e às características subjetivas do docente, e correspondem às diferentes trajetórias sociais inter-relacionadas, como também às questões de gênero, de etnia, culto religioso, etc.

A partir do mergulho nestes referenciais e das análises do material coletado, surgiram alguns eixos para pensar a profissão docente. De um lado, evidenciou-se a precarização do trabalho docente neste tipo de rede privada de ensino, em decorrência dos baixos salários, da intensificação do trabalho, da ausência de formação continuada das professoras, de uma estrutura que não favorece o partilhar dos saberes da profissão.

O trabalho docente vem se intensificando, exigindo que os professores suportem maiores pressões e respondam a cada dia com maiores esforços. Segundo Hargreaves, “Os professores são retratados como sendo gradualmente controlados por programas prescritos, currículos obrigatórios e métodos de instrução minuciosamente programados.” (1998, p. 132)

Muitas vezes confundida com profissionalismo, a intensificação do trabalho docente mostra, na realidade, a perversidade de um sistema, moldado num modelo empresarial de educação.

Uma das razões destacadas por Van Zanten (2009) que impacta a prática profissional é a reduzida autonomia que dispõe o professor nas organizações escolares. Este aspecto ficou bastante evidenciado neste trabalho, em função dos dispositivos de regulação no cumprimento de prazos, e de controle da prática docente, uma prática extremamente vigiada, orientada por manuais pedagógicos e *softwares* educativos.

Durante o processo de imersão no campo pude perceber os efeitos perversos da mercantilização da educação. Esta rede privada de ensino tem sua estrutura pautada em dispositivos de controle e regulação, que subjagam o professor a um conjunto de instrumentos, técnicas, procedimentos que inibem a criatividade, a autonomia e obscurecem a individualidade e singularidade do docente.

Para Stephen Ball:

O mercado educacional tanto des-socializa, quanto re-socializa; cria novas identidades e destrói a sociabilidade, encorajando o individualismo competitivo e o instrumentalismo. Os espaços nos quais são possíveis a reflexão e o diálogo sobre os valores são eliminados. (2001, p. 107-108)

Neste tipo de rede privada de ensino a educação é balizada por indicadores de desempenho, tanto em termos de produção docente, como discente, de acordo

com os *rankings* de desempenho no ENEM¹⁰, e não orientada para atender aos interesses e às necessidades de professores e alunos. À dinâmica desse processo subjaz um currículo oculto onde a natureza das relações sociais, em especial a relação entre pares, são desafiadas pelas forças e micro-práticas do mercado.

Outro aspecto evidenciado nestas análises, e que também faz parte do currículo oculto da instituição, é o local destinado ao professor – a sala de professores. Esse espaço tem muito a dizer sobre a concepção de professor e sobre a importância deste profissional na escola para os gestores/proprietários da escola.

Segundo Caria (2000), a sala de professores deveria ser um lugar privilegiado de coletivização do trabalho dos professores, e também de informalização e internalização das atividades deste grupo, entretanto o que foi observado é um espaço destituído do seu papel, descaracterizado da sua função, des-proprio do seu público.

Na verdade, esse espaço não se destina a promover o partilhar de saberes e experiências, tampouco oportuniza a integração social da profissão; também não se restringe só ao encontro dos docentes e nem é reservado para assuntos propriamente pedagógicos, pois nele circulam e permanecem vários outros profissionais que compõem o quadro da instituição, não necessariamente ligados à estrutura técnico-pedagógica.

Por essa perspectiva, quase podemos afirmar que, a sala dos professores é uma das expressões das condições de trabalho destes agentes, e, certamente, tem impacto na construção de suas trajetórias, ajudando a compor a lógica da instituição e do trabalho pedagógico nela realizado.

Este capítulo introdutório teve como objetivo apresentar o campo de pesquisa e algumas análises construídas ao longo do processo de investigação. Os capítulos a seguir têm a intenção de aprofundar estas questões e discutir a complexidade da socialização neste estabelecimento de ensino.

No segundo capítulo discutirei meu percurso metodológico – ***Entrecruzando essa rede: o campo e suas peculiaridades*** –, elucidando o campo de pesquisa, a metodologia de trabalho, os instrumentos utilizados – as

¹⁰ O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi um tipo de avaliação criada em 1998 pelo Ministério da Educação (MEC), utilizada como ferramenta para avaliar a qualidade geral do ensino médio no Brasil. Posteriormente, o exame começou a ser utilizado como exame de acesso ao ensino superior em universidades públicas brasileiras através do SiSU (Sistema de Seleção Unificada, e atualmente é utilizado por algumas instituições privadas.

observações na sala de professores, a aplicação do questionário, as entrevistas com os sujeitos da pesquisa.

O terceiro capítulo – *A vida e a voz dos sujeitos: Quem são essas professoras e o que pensam sobre os alunos e suas famílias?* –, me deterei à análise dos sujeitos da pesquisa, quanto ao perfil socioeconômico, à trajetória e formação das professoras; às relações que estabelecem com seus pares, e o que pensam sobre seus alunos e suas famílias; seus projetos futuros.

No quarto capítulo – *Escola, mercado educacional? A imagem da rede* –, apresento o perfil da rede privada de ensino e a estrutura de trabalho em que estão submetidos os profissionais, especialmente as professoras.

No quinto capítulo, *Sala de Professores: espaço de socialização profissional?*, estarei abordando o aspecto da socialização profissional docente, analisando os modos de socialização, as relações e interações vivenciadas neste espaço, *lócus* da pesquisa, a complexidade dos discursos ocultos neste espaço de múltiplas interações.

E no sexto, e último capítulo, dedicado às Considerações Finais – *Longe de fechar-se uma porta, abrem-se várias janelas* –, serão articuladas as contribuições trazidas pela pesquisa às novas possibilidades de investigação da profissão docente, em janelas que se abrem para uma ampla exploração deste universo educacional, em diálogo com a tese construída ao trilhar esse caminho, familiar no sentido pedagógico, mas estranho e inusitado neste estabelecimento de ensino.